

Lumne

A máquina

No apartamento meio iluminado pelo abajur da cama ela caminha até a pequena varanda. Junto às suas cortinas cor de pastel ela se encosta, como uma criança que escuta algo detrás da porta. O vidro da porta de correr está frio como o tempo lá fora. Ela o sente como quem sente a própria pele. E de repente a chuva começa. Lentamente...

Ela consegue sentir a variação dos pingos como se estivessem em seu próprio rosto. Ela não consegue ver a chuva como gostaria e sim através das cortinas que tapam a visão de fora para dentro.

Ela já se acostumara àquele cenário. Nunca podia aparecer em público. Algum detetive ou espião poderia estar em um outro prédio tirando fotos suas. Vivia escondida. Caçada.

E foi quando os pingos no vidro se confundiram com o “toc-toc” da porta, que ela se despertou de seu frio abraço na chuva lá fora. Andou sem fazer nenhum barulho, queria continuar ouvindo a chuva lhe chamar. Passou pela cama onde a máquina estava aberta sobre. Girou a maçaneta para o... Serviço de quarto, quem sabe. Mas um trovão empurrou sua porta com violência e acertou-lhe em cheio o primeiro de muitos golpes que seriam desferidos.

O homem à sua porta

A tempestade que se seguiu durou alguns minutos. Foi violenta e a pegou totalmente de surpresa. Alguns móveis e objetos acabaram se quebrando. O silêncio do apartamento foi-se nos primeiros instantes. Marcas logo surgiram em seu corpo. E algumas no dele também. Um raio caiu na sala e rachou a lente esquerda de seus óculos. O que veio em seguida foi uma neblina.

E no fim de tudo, um relâmpago clareou toda a escura sala de estar.

A fina fumaça em meio a chuva ainda saía pelo cano da arma.

Ela estava chorando. Uma de suas mãos estava algemada no ferro do balcão da cozinha. A outra tinha o revólver ainda em punho, tremendo. A mão da arma baixou-se lentamente. O corpo acompanhou. Lentamente como Ele na parede à sua frente. Na velocidade com que uma gota de chuva escorregava pelo vidro da porta.

A bala havia atravessado seu peito. Ele estava sem colete naquele dia. Estava na parede. Assim como seu sangue, escorrendo até encontrar o chão. E no chão ele chegou. Ainda vivo.

– Neil, me perdoa... – disse ela.

Silêncio dele.

Choro dela. Seu coração estava mais rápido que o dele agora.

– Finalmente chegou sua hora? – ele finalmente falou após um minuto de silêncio.

O experimento

As paredes brancas do quarto já começavam a descascar aos poucos. A luz e a brisa que entravam pela janela ainda tentavam dar vida ao local. Do lado de fora estavam algumas freiras conversando bem baixinho. Pareciam estar nervosas, inquietas.

Do lado de dentro havia uma criança ao leito. Quase já não havia mais cabelo em sua cabeça. Seus braços estavam fracos demais para conseguirem se levantar daquela realidade. Seus olhos já não brilhavam mais em outros horizontes, a não ser aquele já tão próximo...

Ao redor dela se encontrava um grupo de pessoas estranhas. Algumas trajavam jalecos, outras um terno simples. Ao lado da cama, numa mesinha redonda, estava a máquina e próxima a ela uma moça realizava alguns ajustes finais. Era Lumne.

De uma das pessoas de jaleco, talvez a mais importante delas, Lumne recebeu o "ok" para ligar a máquina. E assim deu-se início ao experimento.

A ponte entre a criança e a máquina foi estabelecida com sucesso. O fluxo parecia não conter interrupções. Só restava então aguardar as respostas.

Após um minuto de silêncio Lumne se expressou para além das batidas de seu pé no chão: "Vamos..."

E então o plasma contido na ampola da máquina começou a reagir. O procedimento estava finalmente em andamento. Não demorou muito para os primeiros resultados gráficos começarem a surgir na tela do monitor. E menos ainda para as primeiras hipóteses acenderem as mentes das pessoas ali presentes.

- Atividade acelerada no lóbulo temporal.

- Ele estaria... Acessando suas memórias, lembrando-se de algo...

E após cada nova e mais intensa reação da máquina, novos diagnósticos iam sendo apresentados:

"Forte atividade no lóbulo frontal também, simultaneamente ao acesso das lembranças."

"Ele está de alguma forma... Interagindo com uma de suas memórias."

"O lóbulo occipital começou a apresentar reações também. Estão aumentando gradualmente..."

"Há algo de muito intenso aparecendo para ele, podem ser visões, formas, imagens, luzes..."

"O que ele está vendo? Com quem ele estava conversando?"

"Há agora uma forte reação na parte do cérebro responsável pela tomada de decisões... Isso já vem se repetindo há algumas leituras. É como se ele tivesse que fazer uma escolha..."

– Todos temos, mais cedo ou mais tarde. – falou o cientista responsável pela equipe. Sua fala veio acompanhada de uma reflexão por parte das pessoas que ali estavam presentes. Elas haviam compreendido o significado daquilo. Da fala do cientista, do experimento e dos olhos cansados do menino.

Lumne se viu emocionada ao ver que as reações do plasma da máquina estavam começando a cessar.

Ela lentamente foi se afastando da cama. Passou por entre as pessoas que já conhecia e as que desconhecia. Sem querer esbarrou em algumas delas, mas foi uma em que sua atenção se concentrou por alguns segundos.

O jovem rapaz da segurança devia ser novato do laboratório ao qual fazia parte, pois ela ainda não o conhecia. Por um breve momento, que coincidiu aos instantes que Lumne demorou em seus olhos, o mesmo sentimento pareceu florescer no coração dos dois jovens. Sentimento que seus olhos não conseguiram fingir. Foi simples e sutil como é a vida. Foi rápido e intenso como é a morte.

E ali, entre a vida e a morte, onde os sentimentos se confundiam com a razão, Neil transpôs um pouco dos dois com uma singela pergunta. Foi um pouco do que Lumne não esperava e um pouco do que ela gostaria de saber. Antes de sair da sala, a moça olhou para aquele rosto uma última vez e percebeu claramente a expressão vinda de seu coração: “Finalmente chegou sua hora?”.

Neil estava no primeiro estágio de morte

– O mundo todo está te procurando... – disse Neil com dificuldades. Seus olhos abriam apenas o suficiente para ver Lumne à sua frente. Sua força servia agora apenas para falar o que precisava. – E eu o rodei duas vezes até te encontrar aqui...

– Eu não aceito a minha pena. Eu fiz muito por muitos. Isso não é justo. – respondeu Lumne já apenas com gotas de chuva secas em seu rosto.

– Você matou muita gente... Isso é justo?

– Todos terminais... A ciência precisava disso, sempre precisou. – Lumne respondeu séria e convicta o questionamento. Neil olhou por um momento lá para fora. Evitou encarar aquela máquina. Quando finalmente os olhares se cruzaram novamente, o jovem agente concluiu:

“Essa é a sua opinião ou a opinião dele?”

O mestre e a pupila

A sala de apresentações do laboratório já havia se esvaziado àquela hora. As luzes que ficavam acima do palco já estavam há muito apagadas e as poucas que restavam iluminavam apenas os dois últimos remanescentes.

Lumne estava sentada na cadeira da ponta da última fileira. Trazia em suas mãos alguns papéis e realizava firmes anotações debaixo de seus óculos. De Berlo, o cientista chefe do laboratório, preferiu o último degrau da escadaria, ao lado de sua assistente. Trazia em seus olhos um sonho que virava realidade a cada dia que passava.

– O meu sonho conseguiu chegar a uma única forma. Foram anos trabalhando... E eu não escondo isso de ninguém, pelo contrário, quero mostrar... – De Berlo saltava os olhos cansados toda as vezes que falava da máquina. Não importava o dia, não importava o local. – Eu quero tecer a linha da *vida* após a *morte*. Eu quero dar as respostas para todas as perguntas...

– Eu ainda tenho muitas perguntas professor. Sobre a máquina... Sobre a morte... Sobre o mundo... – falou Lumne saindo um pouco dos papéis e se concentrando naquele ambiente silencioso.

– Somos cientistas. Vamos descobrir as respostas. Uma por uma. Eu tenho certeza disso porque você está aqui...

Lumne olhou para o mestre com uma cara de dúvida. Ele notou o silêncio da resposta e completou o raciocínio para a pupila.

– Depois de tanto tempo trabalhando, observando reações e testando experimentos, você se mostrou ser o resultado mais próximo do ótimo que poderíamos alcançar aqui no laboratório.

– São 7 anos aqui doutor... – disse Lumne pensativa.

– Escute menina, você ainda viverá muitas histórias com essa máquina... Esteja preparada para conhecer cada uma. E nunca esqueça: sempre anote tudo.

“De Berlo morreu dali a duas semanas. Um câncer que ele já conhecia, mas a equipe não. Muito menos eu... Deve ter passado por todos os estágios que tanto dedicou a vida estudando. O *sonho de Berlo* ia além de ver o que é a morte, ia além de construir mapas, isso tudo era apenas o começo. Ele queria se comunicar com as pessoas no momento em que elas mais precisavam. Guiá-las para um local melhor...”

– Essa se tornou a minha missão. Eu só preciso de mais algumas semanas para realizar os testes finais da máquina. Mas você não quer me dá-las...

Os olhos molhados pela chuva de Lumne não deixaram-na perceber que Neil estava morrendo.

Abra os olhos

– Por favor, não morra...

– Nossas missões... Nos venceram. Venceram a *nós*. Eu estou sem forças para lutar. Eu só quero que acabe...

Lumne sentiu a chuva lá fora mudar de intensidade junto com o fim da fala de Neil. Os pingos no vidro da varanda já não eram os mesmos. Parecia se desvanecer aos poucos...

Neil procurou lucidez onde não havia. Sua mente estava carregada demais, o ambiente estava uma desordem e Lumne não era mais ela. Então Neil de repente levou sua mão bem devagar ao cós da jaqueta. Seu olhar fixou-se em Lumne.

E ela percebeu.

Por entre a rachadura em sua lente, uma lágrima escorreu pelo seu rosto. Exatamente como as gotas ainda faziam lá fora.

– Não faz isso Neil... – Lumne olhou de seu antigo amor para o revólver jogado ao chão. Agora, ela só conseguia *alcançar* um dos dois. – Eu não queria que acabasse assim...

Neil fechou os olhos. Não havia partido. Não ainda. Por um momento foi como se hesitasse. Por um momento foi como se estivesse pensando duas vezes. Mas ele tinha uma decisão tomada.

– Não faz isso... – o coração de Lumne trabalhava rápido. Bem diferente do de Neil. Ela pegou a arma no chão e a apontou antes que alguma besteira acontecesse. Mas se fosse para acontecer, seria aquele o último tiro. E quem sabe a última gota.

E quando Lumne já não tinha mais lágrimas para chover, Neil puxou a mão de dentro do cós da jaqueta. Dela surgiu uma pequena chave de metal que ele logo jogou para próximo de Lumne.

Foi ao ver a chave jogada que Lumne percebeu o pulso doendo.

Largou a arma. Puxou a chave com o pé direito. Soltou-se da algema na mão esquerda. Foi socorrer Neil.

Ela o deitou em seu colo e tentou estancar o sangue em seu peito. Havia muito. Nesse momento teve a impressão de ver uma lágrima no rosto dele. Ela quis fazer algo, mas suas mãos... Estavam sujas de sangue. Sangue que não era o dela. Assim como já estava habituada.

“Use-a”. Neil conseguiu olhar para ela, uma última vez. *A máquina.*

Estava ali o tempo todo.

“Eu não posso te matar”. Lumne orou para Neil tentando encontrar uma outra solução para aquilo. Mas o que ela não percebia era que aquela situação já havia sido solucionada. Foi há alguns anos, por De Berlo.

“Missões”

A jornada

Neil entrou em descanso no colo de Lumne.

Ela deitou sua cabeça no chão enquanto preparava a máquina. Ao retornar para ele, notou seu corpo frio como a chuva lá fora. Ao ligar os eletrodos e conferir os últimos ajustes, olhou uma última vez para Neil. Seus olhos escondidos começavam a dançar.

E então o procedimento começou.

“Quando o fluxo estabilizou, Neil partiu. Logo nos primeiros instantes ele deve ter encontrado pessoas que amava e que já haviam partido há um tempo... Um pai, um irmão quem sabe.

Em um determinado momento a região do cérebro que coordena as emoções estava com bastante atividade... Eu devo ter sorrido pra ele umas duas vezes no laboratório. Eu poderia ter feito isso mais vezes...

Quando seus olhos se mexeram rápido, devia estar vendo uma chuva iridescente. As cores então formaram um túnel. E então o túnel ficou sem cores.

Pela atividade que se registrou, Neil estava confuso. Era como uma decisão. Um “ir em frente” ou um “voltar”. Eu sabia que aquela etapa do procedimento era uma das mais delicadas. Uma das que mais costumava falhar... E eu não queria isso pra ele.

Ele resolveu seguir.

Conferindo os relatórios da máquina eu pude constatar algo... Eu reconhecia perfeitamente aqueles padrões. Neil estava ali.

Estava na varanda, do lado de fora. Ele se viu deitado em meus braços. O rosto no vidro... Assim como a chuva e o vento lá fora.

Foi aí que ele soube que não estava mais vivo. Saiu triste da varanda... Com a chuva batendo em seu rosto foi até o terraço do prédio.

A beirada era o seu limite. Se ele passasse dali não voltaria mais. Nunca mais...

Ele subiu no parapeito e olhou lá pra baixo. Chegou a pôr um dos pés pra fora do prédio.”

Mas Neil não viu que havia alguém ali com ele, virado para o lado oposto do abismo. Esse alguém pegou sua mão e o trouxe de volta para o terraço.

Era Lumne.

Neil então a pegou pela cintura e a beijou. A fina chuva embalou os dois a permanecerem naquele êxtase por mais um longo momento.

Era o melhor momento de sua vida. Ou morte.

Estava feliz.

E talvez fosse a felicidade do momento ou talvez o sereno que já se transformava em um lindo e ensolarado céu com várias nuvens brancas, mas Neil nem viu que Lumne possuía um par de asas de anjo.